INSTITUTO DO CEARÁ
90 ANOS DE HISTÓRIA

De buliçosas e alegres que eram, as tardes do ex-ginásio municipal passaram a serenas e sedentárias. No lugar das salas de aula, enormes estantes guardam a memória de cérebros privilegiados que deram de si o quanto puderam pela cultura cearense. Esse letargo só é despertado algumas vezes por dia, quando outros garimpadores do saber buscam nos milhares de alfarrábios ali existentes a seiva dos conhecimentos de que carecem. Ralph de La Cavva, autor do recente sucesso que anda nas livrarias da capital, "O Milagre de Juazeiro", é um desses escafandristas da História. Outro americano, o professor Roger Connif, da Universidade da Califórnia, autor de trabalho sobre a seca de 77, microfilmou centenas de metros de documentos para sua tese de doutoramento, Billy Chandler, que publicou um estudo sobre os Feitosas e os Inhamuns, é outro "amigo da casa". Dezenas de estudantes e professores valem-se também dela para seus estudos e pesquisas históricas, geográficas, antropológicas e de ciências afins.

Mas que casa é essa que, se muito conhecida e divulgada no mundo dos especialistas e estudiosos, é pouco conhecida do grande público? Trata-se do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), o vetusto sodalício que acaba de completar 90 anos de existência e preservação das mais caras tradições históricas do Estado. Tudo isso em meio a uma lamentável franciscanice, que lhe estorva os passos e impede que alce vôos mais alcandorados, em busca de novas preciosidades no vasto terreno delimitado pela sua múltipla atividade. De fato, o Instituto do Ceará sobrevive apenas de uma subvenção da Universidade Federal do Ceará, de 30 mil cruzeiros anuais (o que dá uma média aproximada de 7 mil mensais), suficiente apenas para sua manutenção administrativa. Uma pesquisa antropológica ao vivo, por exemplo, é impossível de ser feita por falta de verbas para deslocamento de pessoal e despesas gerais com material. Por

isso, os sócios trabalham, quando precisam, às suas próprias expensas. O Estado, por sua vez, ainda não liberou os Cr$ 10 mil mensais que acertou em troca da cessão do Museu Antropológico. E outros sócios mais poderosos, como o Senador Virgílio Távora, é que prestam alguma ajuda financeira. De tudo ficaria uma vaga de nostalgia ao Instituto, que, entretanto, nega-se a ser algo inanimado. Pelo contrário, como diz Pedro Alberto de Oliveira, professor do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia e de Ciências Sociais e Filosofia, da UFC, e sócio mais jovem: "O Instituto é organismo vivo e operante que, por mais frustado que seja em alguns de seus grandes projetos, como completar logo a História Geral do Ceará, mantém-se em atividade permanente, como centro de interesse e ponto de referência da elite intelectual não só do Ceará, como de todo o Brasil e mesmo de estrangeiros, que sempre nos procuram para tirar dúvidas, inicar ou complementar seus trabalhos. Pedro Alberto, ao lado do professor Guarino Alves de Oliveira, é um dos assíduos freqüentadores do Instituto. Sem esquecer, é claro, o próprio Presidente, General Carlos Studart Filho, que, apesar da idade, ainda dá expediente diário no local, sempre pronto a atender a quem o procura diretamente, pondo à disposição o vasto acervo, ou encaminhando o interessado ao sócio relacionado com o assunto.

90 ANOS DE HISTÓRIA

Fortaleza tinha apenas 30 mil habitantes em 1887, quando, a 4 de março de 1887 (por sinal no dia do aniversário natalício do professor Martinz de Aguiar), doze estudiosos da História e Geografia fundaram o Instituto. Foram eles dois professores, Joaquim Catunda e Antônio Augusto de Vasconcelos; três advogados, Paulino Nogueira, Virgílio de Morais, e Virgílio Brígido; um padre, João Augusto da Frota; quatro funcionários públicos, Antônio Bezerra, Juvenal Galeno, Júlio César da Fonseca e João Batista Perdigão de Oliveira. Juvenal Galeno, Joaquim , Antônio Bezerra, Paulino Nogueira e Virgílio de Morais eram os mais idosos. Studart, que mais tarde seria barão, e que por 51 anos dedicou-se ao Instituto e ao estudo, era o mais moço. O I. C. nasceu praticamente das tertúlias literárias no Gabinete Cearense de Leitura, então muito "badalado". De lá para cá 96 vultos preeminentes da cultura alencarina já passaram pelos salões do velho sodalício. Entre eles, Thomás Pompeu de Souza Brasil, Rofolfo Marcos Teófilo, Monsenhor Bruno da Silva Figueiredo (latinista renomeado, autor de "Os Primeiros Bispos do Ceará"), Álvaro Fernandes, Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, José Pedro Soares Bulcão, Antônio Martins de Aguiar, Leonardo Mota, Manuel Antônio de Andrade Furtado, Alba

Valdez, Dolor Uchoa Barreira, Demócrito Rocha, Dom Antônio de Almeida Lustosa, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Raimundo Renato de Almeida Braga, Boanerges Facó, Ismael de Andrade Pordeus, Valderi Magalhães Uchoa, Antônio Filgueiras Lima, José Sobreira de Amorim, José Aurélio Saraiva Câmara e padre Rodolfo Ferreira da Cunha (eminente professor de português).

Nos anais da ata da sessão inaugural estava escrito: "Fazer conhecida a História e a Geografia da Pronvíncia e concorrer para a propagação das letras e ciências no Ceará". E assim foi. Anjo custódio da cultura por 90 anos, o Instituto enfileira milhares de obras, algumas já carcomidas pelo tempo, talvez porque nem bibliotecária possua. Diz Hélio Mello que da instituição "têm germinado excelentes estudos filológicos que honram o patrimônio da nossa terra". Prova disso é ser ele depositário das bibliotecas de Capistrano de Abreu (correspondente do Instituto), e Eurico Facó, da riquíssima coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de uma coleção de cerca de 150 obras do Barão de Studart, entre elas "Notas para a História do Ceará", "Datas e Fatos para a História do Ceará", "Geografia do Ceará", "Dicionário Bibliográfico do Ceará", "Para a História do Jornalismo Cearense", e "Esboço e Origem do Desenvolvimento da Língua Inglesa", como bom filho de britânico que era, e Primeiro Vice-Cônsul da Inglaterra no Ceará.

Aliás, Guilherme Studart é o patrono benemérito do Instituto. Isso vem desde 1929, quando, na reforma dos estatutos, os diretores perderam a vitaliciedade e foram unânimes na sua ascensão à presidência da Casa, o que aconteceu até 1938, quando faleceu, a 25 de setembro. Durante 51 anos Guilherme foi como que o nume tutelar do órgão comemorando, em grande estilo, nos idos de 1937, o quadragésimo aniversário da Instituição, época em que o quadro de sócios já estava ampliado para 18. Desde 22 de janeiro de 1900, por Breve do Papa Leão XIII, fora agraciado com o título de Barão, por indicação de Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará. Formado em Medicina diz seu sobrinho e atual presidente que era "um coração bonissimo de caridade cristã e alma de apóstolo, nobre, humano e digno". Parece ser prova disso a distinção outorgada pelo Papa e a sua dedicação, também à causa dos vicentinos, pois era profundamente religioso. O Barão morava, em Fortaleza, na casa onde hoje é a agência metropolitana do Banco do Estado do Ceará, e, segundo ainda seu sobrinho, "era grande em tudo, excluída a estatura física". Muito amigo de Capistrano de Abreu, esse por ele nutria especial admiração, a ponto de

formar grande volume a correspondência íntima entre ambos, já divulgada em parte. Também infatigável pesquisador Capistrano admirava no Barão sua percuciência e espírito minudente, como atestam os sucessivos e profícuos levantamentos de passado histórico nas fontes de Espanha, Holanda, Inglaterra, e na Torre do Tombo, em Portugal, muitas delas vindo depois de servir de mananciais da reconstituição da história de nossa gente. O papel do Instituto do Ceará, através do Barão, pode ser expresso por uma frase de Capistrano em correspondência àquele dirigida aos 29 de novembro de 1894: "O Ceará tem uma das histórias mais investigadas que conheço". E note-se que Capistrano de Abreu era, como diz Aurélio Câmara, "homem desconfiado e tímido, mas franco até à rudeza". Ao lado do "amável e reservado" barão, cinco outros vultos ilustres foram presidentes do Instituto: Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1887 a 1908; Thomaz Pompeu de Souza Brasil (1908 a 1929); Thomaz Pompeu Sobrinho (1938/67; e Carlos Studart Filho, o atual, desde 1968. O Barão foi o terceiro presidente, de 1908 a 1929.

Diz o General Carlos Studart que o espírito do Barão tem norteado os destinos do Instituto, pois, apesar das dificuldades, a entidade nunca paralisou suas atividades, mantendo invariavelmente duas sessões ordinárias por mês, afora as especiais e as solenes, sempre com o bom cafezinho aos presentes, num ambiente em que a ilustração e a fraternidade correm à farta. Nessas sessões são questionados os mais variados temas e pesquisas dos seus atuais quarenta sócios, muitos dos quais editados pela Revista do Instituto, publicação antes semestral e agora anual, mas nunca interrompida e aberta a todo estudioso que nela queira publicar trabalhos, desde que previamente aprovada pela diretoria. A par disso, planos editoriais são efetivados, sempre que possível, como ocorre com a História Geral do Ceará, da qual já foram publicados vários volumes sobre economia, literatura, educação, pré e proto-história e acerca das secas que devastaram os rincões alencarinos, obra reputada, desde já, como completa e definitiva, produzida por mais de uma geração de pesquisadores. O Instituto mantém intercâmbio cultural com instituições científicas, nacionais e estrangeiras, mediante permuta de publicações em correspondência avultada, todos os meses.

No prédio da Praça do Carmo o Instituto detém a biblioteca, a mapoteca, e o arquivo, funcionando defronte ao Palácio da Abolição, o museu histórico e antropológico e a seção de iconografia (imagens). Uma das conquistas mais recentes do Instituto foi a trasladação do Rio para

Fortaleza dos restos mortais do notável cearense Gustavo Barroso, para a praça que tem o seu nome. Em 1975 César Cals conferiu-lhe a Medalha da Abolição, destinada a personalidades e instituições. Na oportunidade, o mais novo membro da Casa, jornalista J. C. Alencar Araripe, disse no seu parecer que aquela era uma das iniciativas que coroavam o ano da cultura. Aberto das 13 às 17 horas, qualquer pessoa pode procurá-lo para pesquisa e estudo relacionado com suas finalidades. Ali convivem a mocidade – como os estudantes e o professor Pedro Alberto – e a experiência e velhice, como a do Presidente Carlos Studart Filho, que, conjugadas, só podem resultar nos maiores benefícios às letras e à cultura cearense.

Falta material humano especializado, é certo (só existem seis funcionários da Secretaria de Cultura e um da de Planejamento), mas, sobram boa vontade e interesse por tudo que diz respeito ao saber.

(O POVO, 05 de março de 1977)